

Os dias das mulheres a dias

Num parque, perto de «Nation» em Paris, juntam-se por grupos mulheres que vão lá com crianças. Entre esses grupos encontramos portuguesas que aceitaram que a conversa desse dia fosse transcrita na Tribuna do Emigrante.

Quem falou mais foi a **Ilda**: «Eu trabalho a horas. Das 6 até às 9 horas da manhã faço um escritório, das 9 até às 13 trabalho em casa numa patroa que tem dois filhos grandes, a arranjar-lhe a casa. Depois, da 1 hora às 8 e meia da noite trabalho noutra patroa a guardar a menina que tem 4 anos e a fazer o trabalho da casa. **Maria** — E o seu menino que idade tem ?

Ilda — Ora eu estou em França há 7 anos e ele tem 5 aninhos. Nasceu cá e depois foi lá para baixo com 3 meses.

Natalina — O meu marido também queria que o meu menino (que tem 10 meses) ficasse lá na terra o ano que vem, mas eu penso que não vale a pena.

Ilda — Tem de ser para se ganhar a vida. O meu está bem, está com a minha sogra. A gente vê-o nas férias. E tem de ser assim durante mais uns dois ou três anos. Nós agora tínhamos vontade de ter uma menina, mas assim não podemos...

Natalina — As pessoas com quem se deixa os filhos nem sempre têm as mesmas ideias que nós, sobretudo que nós já saímos de lá e aprendemos outras coisas. Às vezes nem sabem alimentar as crianças como deve ser.

Ilda — Nós nem temos tempo de pensar. Só descanso um bocadinho quando venho aqui ao parque com a garota da minha patroa; a não ser isso, a gente tem lá tempo para nos preocuparmos a sério com a educação ou com a alimentação dos filhos. Com o meu marido é a mesma coisa. Ele trabalha na construção. Como eu não estou em casa ele faz o jantar e depois ainda me ajuda a fazer a limpeza num escritório à noite.

Rosa — Eu, durante a semana também só paro para vir aqui com o meu menino. Mas no domingo sempre dormimos

mais um bocadinho, vamos à associação ou ver os amigos e sempre se conversa um pouco.

Ilda — Ao domingo há lá tempo para isso ! Tenho de limpar a casa, lavar a nossa roupa, preparar as coisas para a semana e passar a ferro. Depois, quando formos para Portugal já será uma vida diferente. Quem vai estar bem é o meu filho. Ele já não vai passar por o que nós passámos.

As mulheres têm falta de informação

Falou-se ainda de muitas mais coisas; sobretudo do número de filhos e da vida das mulheres lá em Portugal. Chegou-se à conclusão de que as pessoas e as mulheres em especial, têm muita falta de informação e aspiram a uma vida melhor.

As associações aqui em França, onde muitas vezes só vão os maridos, se são associações de trabalhadores emigrados, também são nossas, visto que nós trabalhamos muitas vezes ainda mais que os nossos maridos, e temos tanta necessidade como eles de conviver e de nos informarmos de tudo o que tem influência na nossa vida, como seja as possibilidades de ter aqui os filhos ou ter escola de português para eles. Outra coisa é o transporte quando vamos de férias, que nos custa um dinheirão e não tem comodidades nem segurança. Outra é o trabalho, o problema de quando se vem para o pé do marido, que não se pode trabalhar, que eles acabaram com as cartas de trabalho. E ainda quando se regressa, querem fazer-nos pagar um imposto do carro que é quase igual ao que ele custa e que nos deu tanto trabalho a ganhar.

Naquela tarde em «Nation» sentimos mais a necessidade que nós mulheres trabalhadoras temos de nos informarmos, porque vivemos isoladas, sujeitas à exploração das patroas e aos seus caprichos. Falando dos nossos problemas de mulheres trabalhadoras, sentimos bem a necessidade de nos unirmos pela defesa dos nossos direitos.

TRIBUNA DO EMIGRANTE, França, Novembro de 1977.